

História natural da religião

David Hume

Editora
UNESP

História natural da religião

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Marcos Macari

Diretor-Presidente

José Castilho Marques Neto

Editor Executivo

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Assessor Editorial

João Luís C. T. Ceccantini

Conselho Editorial Acadêmico

Alberto Ikeda

Alfredo Pereira Junior

Antonio Carlos Carrera de Souza

Elizabeth Berwerth Stucchi

Kester Carrara

Lourdes A. M. dos Santos Pinto

Maria Heloísa Martins Dias

Paulo José Brando Santilli

Ruben Aldrovandi

Tania Regina de Luca

Editora Assistente

Denise Katchuian Dognini

DAVID HUME

História natural da religião



Tradução, Apresentação e Notas
Jaimir Conte

U^{Editora}
UNESP

Título original em inglês: *The Natural History of Religion* (1757)

© 2004 da tradução brasileira:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H91h

Hume, David, 1711-1776

História natural da religião / David Hume; tradução,
apresentação e notas de Jaimir Conte. – São Paulo: Edi-
tora UNESP, 2005.

Inclui bibliografia
ISBN 85-7139-604-3

1. Religião – Filosofia. 2. Teologia natural – Obras
anteriores a 1800. I. Conte, Jaimir. II. Título.

05-1908

CDD 210

CDU 21

Editora afiliada:


Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe


Associação Brasileira de
Editoras Universitárias


COPILAÇÃO, AUTORIZADA E CUIDADA
ABRF
RESERVA O DIREITO AUTORA

Índice

Apresentação . 7

Cronologia . 11

Nota ao texto desta tradução . 17

Introdução . 21

1. Que o politeísmo foi a primeira religião dos homens . 23
2. Origem do politeísmo . 29
3. Continuação do mesmo tema . 35
4. Que o politeísmo não considera os deuses criadores ou autores do mundo . 43
5. Diversas formas de politeísmo: a alegoria, a veneração dos heróis . 53

6. A origem do monoteísmo
com base no politeísmo . 59
 7. Confirmação da doutrina de que
o monoteísmo deriva do politeísmo . 67
 8. Fluxo e refluxo do
politeísmo e do monoteísmo . 71
 9. Comparação entre o politeísmo e o
monoteísmo quanto à perseguição e à tolerância . 75
 10. Comparação entre o politeísmo e o
monoteísmo quanto à coragem e à humilhação . 81
 11. Comparação entre o politeísmo e o
monoteísmo quanto à razão ou ao absurdo . 85
 12. Comparação entre o politeísmo e o
monoteísmo quanto à dúvida ou à convicção . 89
 13. Concepções ímpias da natureza divina
nas religiões populares monoteísta e politeísta . 107
 14. A má influência das religiões
populares sobre a moralidade . 115
- Corolário geral . 123
- Notas desta edição . 127
- Notas biográficas . 139
- Seleção bibliográfica . 149
- Índice onomástico . 155

Apresentação

Autor de grandes obras filosóficas como *Tratado da natureza humana* (1739-40), *Investigação sobre o entendimento humano* (1748) e *Investigação sobre os princípios da moral* (1751), David Hume (1711-1776) é também autor de vários escritos sobre religião, nos quais se opõe, em praticamente todos os pontos, à ideologia religiosa predominante em seu tempo. O mais penetrante, filosófico e substancial de seus trabalhos sobre o tema são os *Diálogos sobre a religião natural*, escritos entre 1751 e 1755, cuja publicação só aconteceu depois de sua morte, em 1779.

O adiamento da publicação em vida dessa obra, que questiona os fundamentos racionais da religião, deveu-se à recomendação de alguns amigos que leram o manuscrito e que temiam que as críticas nele contidas aumentassem ainda mais as acusações de infidelidade lançadas contra Hume, que já havia provocado a ira dos religiosos ao solapar a crença nos milagres e numa providência divina nos ensaios “Dos milagres” e “De uma providência particular e de um Estado futuro”,

publicados em 1749 como parte da obra *Investigação sobre o entendimento humano*.

A *História natural da religião* foi publicada em janeiro de 1757 num volume intitulado *Four Dissertations* (*Quatro dissertações*). Antes disso, em 1756, havia sido impressa num volume intitulado *Five Dissertations* (*Cinco dissertações*), contendo os ensaios “Das paixões”, “Da tragédia”, “Do suicídio” e “Da imortalidade da alma”. Contudo, diante de algumas reações e da perspectiva de condenação eclesiástica, Hume decidiu retirar da publicação os dois últimos ensaios. Como os exemplares das *Cinco dissertações* já haviam sido impressos, o editor Andrew Millar teve de cortar, literalmente, as páginas que continham os ensaios sobre o suicídio e sobre a imortalidade e, em substituição, inserir no volume um novo ensaio, “Do padrão do gosto”. Hume também aproveitou a oportunidade para alterar alguns dos parágrafos mais ofensivos da *História natural da religião*. Os ensaios foram então encadernados com o novo título de *Quatro dissertações*, e o livro foi publicado em 1757.

Na dissertação sobre a *História natural da religião*, Hume trata das origens e das causas que produzem o fenômeno da religião, dos seus efeitos sobre a vida e a conduta humanas, e das variações cíclicas entre o politeísmo e o monoteísmo. Uma de suas preocupações é também chamar a atenção para os efeitos das diferentes espécies de religião sobre a tolerância e a moralidade. Em suma, nesta obra, Hume desenvolve uma investigação sobre os princípios “naturais” que originam a crença religiosa, bem como um estudo antropológico e histórico relativo aos efeitos sociais da religião. Aqui, Hume é um dos primeiros autores a examinar a crença religiosa puramente

como uma manifestação da natureza humana, sem pressupor a crença na existência de Deus. Esta obra apresenta uma história *natural* da religião em oposição a uma história guiada por pressupostos religiosos. Ao questionar a religião de forma mais radical do que seus predecessores, Hume trata todas as crenças religiosas como mero produto da natureza humana.

Ele inicia a obra mencionando duas explicações distintas sobre a origem da religião. Por uma, a tese que afirma que as pessoas são levadas à crença religiosa pela contemplação racional do universo. Por outra, a tese de que a religião tem por base fatores psicológicos completamente independentes de um fundamento racional.

Hume defende a segunda explicação e argumenta que todas as religiões populares se iniciam não de uma tentativa de entendimento racional do universo, mas de paixões humanas mais primitivas e básicas, de instintos naturais como o medo e a esperança. O conceito psicológico central pressuposto por ele é o de que a experiência religiosa é governada pelas paixões. A religião se origina do medo de influências desconhecidas sobre a sociedade humana e prospera em situações terríveis de medo e ignorância do futuro.

As convulsões da natureza, as catástrofes, os prodígios e os milagres, embora em grande medida refutem a idéia de um plano elaborado por um sábio diretor, imprimem no homem os mais fortes sentimentos religiosos, pois as causas dos acontecimentos aparecem então mais distanciadas do que nunca de todo conhecimento e de toda explicação.

Jaimir Conte

Cronologia

- 1711 David Hume (originalmente Home), filho de Katherine Falconer e de Joseph Home, nasce em Edimburgo, na Escócia, em 26 de abril, correspondendo a 7 de maio no calendário gregoriano adotado na Grã-Bretanha em 1752.
- 1712 Nasce Jean-Jacques Rousseau.
- 1713 Nasce Denis Diderot. Publicação dos *Três diálogos entre Hylas e Filonous*, de Berkeley.
- 1714 Morre o pai de Hume, Joseph Home.
Nasce Condillac.
Leibniz publica *A monadologia*.
- 1716 Morte de Leibniz.
- 1719 Daniel Defoe publica *Robinson Crusóé*.
Ingressa no Colégio de Edimburgo, onde estuda lógica, retórica, matemática e sobretudo a “filosofia natural”, o que o faz entrar em contato com o sistema de Newton. Estuda também direito e história, mas suas preferências inclinam-se para a filosofia e a literatura.

- 1723 Nasce Holbach, o sistematizador do materialismo francês.
- 1724 Nasce Immanuel Kant.
- 1725 Vico publica *A ciência nova*.
- 1726 Voltaire é exilado da França.
- 1726 Estuda Direito, lê muito, e tenta um cargo bancário em Bristol. "Realizei com sucesso o curso ordinário de estudos, e fui desde muito cedo tomado por uma paixão pela literatura, que tem sido a paixão dominante de minha vida e a fonte principal de meus prazeres."
- 1727 Morte de Isaac Newton.
- 1729 Nasce Lessing.
- 1734 Viaja para a França, primeiro para Rheims e depois para La Fleche. Inicia a redação do *Tratado da natureza humana*.
Voltaire publica as *Cartas inglesas*.
- 1737 Retorna a Londres.
- 1739 Aos 28 anos publica, na Inglaterra, em janeiro, os livros I e II do *Tratado da natureza humana*.
Frederico II, imperador da Prússia, publica o *Anti-Maquiavel*.
- 1740 Publicação do livro III do *Tratado da natureza humana*.
- 1741 Hume publica os *Ensaio morais e políticos*.
- 1743 D'Alembert publica seu *Tratado de dinâmica*.
- 1744 Fracassa na tentativa de obter a cadeira de filosofia moral em Edimburgo.

- 1745 Hume é recusado ao tentar obter a cátedra de filosofia moral na Universidade de Edimburgo. Torna-se tutor do marquês de Annandale durante um ano. Morre Katherine Home, mãe de Hume.
Morre Jonathan Swift, autor de *Viagens de Gulliver* (1726).
- 1746 Participa de uma fracassada expedição militar à Bretanha como secretário do general Saint-Clair.
Voltaire publica *Zadig, ou o destino*.
- 1748 Torna-se secretário do general Saint-Clair em missão diplomática em Viena e em Turim. Publica os *Ensaios filosóficos sobre o entendimento humano*, posteriormente intitulados *Investigação sobre o entendimento humano*.
Montesquieu publica *O espírito das leis*.
- 1749 Nasce Goethe.
Buffon inicia a publicação de sua *História natural*.
- 1751 De volta à Inglaterra, publica *Investigação sobre os princípios da moral*. Fracassa na tentativa de obter a cadeira de lógica da Universidade de Edimburgo.
Publicação do primeiro volume da *Enciclopédia*.
- 1752 Publica os *Discursos políticos*. Escreve os *Diálogos sobre a religião natural*. Torna-se bibliotecário da ordem dos advogados de Edimburgo; dedica-se à redação de uma *História da Inglaterra*.
- 1753 Morre Berkeley.
Buffon publica *Buffon sobre o estilo*.
- 1754 Publica o primeiro volume da *História da Inglaterra* (*The History of England*).
Morre Christian Wolff.

- 1755 Redige os ensaios “Do suicídio” e “Da imortalidade da alma”.
Rousseau publica seu *Discurso sobre a desigualdade*.
Kant publica a *História geral da natureza e teoria do céu*.
- 1756 Publica o segundo volume da *História da Inglaterra*.
- 1757 Publica o livro *Quatro dissertações*, incluindo: “Da tragédia”, “Das paixões”, “História natural da religião” e “Do padrão do gosto”.
- 1759 Publica o terceiro volume da *História da Inglaterra*.
Voltaire publica *Cândido*.
- 1761 Todas as obras de Hume são colocadas no *Index* dos livros proibidos.
- 1762 Publica o quarto e último volume da *História da Inglaterra*.
Nasce Fichte.
- 1763 Assume o cargo de secretário da embaixada inglesa em Paris, ocupada por Lord Herford, embaixador inglês. Em Paris, entra em contato com os enciclopedistas, estabelecendo amizade com Diderot, D’Alembert, d’Holbach, Helvetius, Buffon e também com Rousseau, em companhia de quem, em 1766, retorna à Inglaterra.
- 1766 Retorna a Londres como protetor de Rousseau, que se julga perseguido; as relações entre os dois são inicialmente amistosas, mas depois se degeneram.
- 1767 Em Londres, Hume torna-se subsecretário de Estado.

- 1769 Volta para Edimburgo para viver com sua irmã Katherine. Aconselha o sobrinho sobre sua educação, constrói uma casa em New Town (em St. Andrew's Square), torna-se muito ligado a Nancy Orde, corrige sua *História da Inglaterra* para novas edições e continua a trabalhar nos *Diálogos*.
Nasce Napoleão Bonaparte.
Nasce o naturalista Alexandre Humboldt.
- 1776 Morre em 25 de agosto, com a idade de 65 anos, de uma desordem interna que o tinha consumido durante vários meses.
- 1777 É publicada a autobiografia de Hume: *Minha vida* (*My Own Life*), na qual Hume assume a autoria do *Tratado*.
- 1779 Publicação póstuma dos *Diálogos sobre a religião natural* (*Dialogues Concerning Natural Religion*).

Nota ao texto desta tradução

A *História natural da religião*, de David Hume, foi publicada várias vezes durante a vida do autor, sendo que cada edição incorporou pequenas revisões e correções. Seguimos aqui a edição póstuma, *Essays and Treatises on Several Subjects*, 2 vols. (Londres, 1777), que inclui as últimas alterações feitas por Hume. As notas de rodapé, de autoria do próprio Hume, são indicadas por asteriscos, em conformidade com o original. As referências bibliográficas nelas apresentadas são repetidas de forma mais completa entre colchetes. As demais notas, numeradas no texto e desenvolvidas no final do volume, são notas específicas desta edição, elaboradas com o apoio das edições modernas das obras de Hume. A tradução das citações em grego e latim aparece entre colchetes logo após as citações ou nas notas desta edição, no final do volume. Finalmente, mantivemos em letras maiúsculas todos os termos que assim aparecem no original.

Jaimir Conte

História natural da religião

Introdução

Embora toda investigação referente à religião tenha a máxima importância, há duas questões, em particular, que chamam nossa atenção, a saber: a que se refere ao seu fundamento racional e a que se refere à sua origem na natureza humana. Felizmente, a primeira questão, que é a mais importante, admite a mais evidente ou, pelo menos, a mais clara solução. Todo o plano da natureza evidencia um autor inteligente, e nenhum investigador racional pode, após uma séria reflexão, suspender por um instante sua crença em relação aos primeiros princípios do puro monoteísmo e da pura religião.¹ Mas a questão sobre a origem da religião na natureza humana está exposta a uma dificuldade maior. A crença em um poder invisível e inteligente tem sido amplamente difundida entre a raça humana, em todos os lugares e em todas as épocas,² mas talvez não tenha sido tão universal a ponto de não admitir exceção nenhuma; nem tenha sido, em alguma medida, uniforme nas idéias que fez nascer. A acreditar nos viajantes e nos

historiadores, foram descobertas algumas nações que não mantêm quaisquer sentimentos religiosos; e não há duas nações, e dificilmente dois homens, que concordem com exatidão sobre os mesmos sentimentos. Parece, portanto, que esse preconceito não surge de um instinto original ou de uma impressão primária da natureza humana, como a que dá nascimento ao amor-próprio, à atração entre os sexos, ao amor pelos filhos, à gratidão ou ao ressentimento, pois constatou-se que todo instinto dessa espécie é absolutamente universal em todas as nações e em todas as épocas, e tem sempre um objeto preciso e determinado que inflexivelmente persegue. Os primeiros princípios religiosos devem ser secundários,³ a tal ponto que facilmente podem ser pervertidos por diversos acidentes e causas, e, em certos casos, até sua operação pode ser completamente impedida por um extraordinário concurso de circunstâncias. Quais são esses princípios que engendram a crença original e quais são esses acidentes e causas que regulam sua operação é o tema de nossa presente investigação.

Notas desta edição

- I Para o leitor atento dos textos de Hume, há aqui um sério problema: como explicar o fato de Hume introduzir a *História natural da religião*, admitindo o que ele questiona profundamente nos *Diálogos*? Uma resposta plausível e que tem sido defendida por alguns de seus principais intérpretes é esta: embora a *História natural da religião*, da mesma forma que os *Diálogos sobre a religião natural*, contenha os mais sinceros ataques de Hume contra a crença religiosa, ele, não obstante, evitou ser muito direto em sua abordagem, mantendo, em alguns casos, argumentos que na realidade destrói em outros escritos. Assim, na *História natural da religião*, Hume alega várias vezes que a existência de Deus pode ser provada racionalmente. Contudo, seus outros escritos e sua correspondência sugerem que ele não acreditava nisso. A respeito desse tipo de estratégia, Noxon esclarece que, “a fim de extravasar seu ceticismo religioso sem se ver acusado de blasfêmia, Hume adotou várias estratégias tradicionais e empregou alguns de sua autoria. A forma do diálogo permitia-lhe atribuir a um interlocutor as opiniões

perigosas, e a si mesmo as mais seguras, como na seção XI da *Investigação*, ou desaparecer completamente nos bastidores, como nos *Diálogos sobre a religião natural*. Transportando suas discussões para uma época anterior ou para outro lugar, Hume transferia a responsabilidade para os leitores que decidissem aplicar essas lições às doutrinas e controvérsias locais. É possível, assim, menosprezar as capacidades mentais e morais de Júpiter sem ofender com isso os filhos de Jeová. É permitido escarnecer a superstição e o entusiasmo desde que seja poupada a ‘verdadeira religião’. Também é razoavelmente seguro derrubar um dos esteios em que assenta um dogma religioso desde que outros, supostamente mais fortes, sejam deixados intactos. Estes poderão ser destruídos num momento posterior: o leitor filosófico diligente saberá apreciar o resultado líquido dos diversos argumentos; o censor, farejando em cada publicação, à medida que estas vão surgindo, a presença de sinais de heresia, talvez não consiga perceber essa ligação” (Noxon, *Hume’s Philosophical Development*, p.173).

- 2 Trata-se aqui do argumento “baseado na concordância universal da humanidade” (cf. *Diálogos sobre a religião natural*, parte 4). O argumento consiste numa defesa da real existência de uma entidade divina a partir do fato da crença quase universal em algum tipo de divindade. Ver, por exemplo, Cícero, *De Natura Deorum*, Livro I, cap.4; II, cap.5; II, cap.8-10; ou Sexto Empírico, *Contra os físicos*, Livro I, cap.61.
- 3 No original: “*The first principles must be secondary*”. O que Hume parece querer dizer aqui é que os “princípios religiosos” devem ser considerados secundários em relação aos princípios mais básicos; princípios que surgem “de um instinto original ou de uma impressão primária da natureza humana”. Convém notar aqui que nem sempre o texto de Hume é claro. Há pas-

sagens confusas, formas indiretas e oblíquas de expressão, talvez conscientemente adotadas como estratégias de defesa contra a censura. Sobre esse ponto, alguns comentadores notaram que para evitar acusações de uma gravidade que na época nada tinha de desprezível, Hume envolve seu discurso em múltiplos véus de discrição (Flew, A. *Hume's Philosophy of Belief*, p.217), recorrendo a formas indiretas e oblíquas de expressão e a efeitos de mascaramento (Smith, K. *The Philosophy of David Hume*), utilizando toda uma complexa estratégia, cheia de manobras defensivas. Consegue assim escapar ao olhar vigilante do censor sem deixar de apresentar suas teorias mais subversivas (Noxon).

- 4 A primeira edição de 1757 não traz os títulos das seções, marcadas simplesmente com números romanos. Contudo, numa carta a seu editor, Hume propôs a inclusão dos títulos das seções: “Sei que se tem freqüentemente objetado contra minha *História natural da religião* que ela carece de ordem. Para poder evitar esta objeção, resolvi indicar no início o conteúdo que ela abrange... desejaria também que o título de cada seção fosse colocado antes de cada seção. Isso ajudaria o leitor a perceber o escopo do discurso” (carta a William Strahan de 20 de maio de 1757).
- 5 Na época de Hume, o politeísmo era entendido como sinônimo de idolatria.
- 6 Em outras edições, o autor usa o termo idólatras.
- 7 Em outras edições, o autor usa o termo idolatria.
- 8 Aqui e em outras passagens da *História natural da religião*, Hume aparentemente toma por garantido o argumento do desígnio que critica nos *Diálogos sobre a religião natural* (obra composta por volta da mesma época em que compôs a *História natural da*

religião, mas publicada somente após sua morte). O argumento do desígnio constituía um dos principais estratagemas utilizados no século XVIII para inferir a existência de Deus da evidência da ordem e da adaptação dos meios aos fins encontrados na natureza. De acordo com esse argumento, a presença de um desígnio no mundo implicaria a existência de um arquiteto divino. Seria uma incoerência da parte de Hume se não se tratasse de mais uma de suas “estratégicas retóricas”. Nos *Diálogos sobre a religião natural*, Hume promove uma discussão do argumento do desígnio por meio de três personagens. Um personagem, chamado Cleantes, defende um argumento do desígnio *a posteriori* a favor da existência de Deus. Um outro personagem, chamado Demea, defende um argumento causal *a priori* a favor da existência de Deus, particularmente uma versão do argumento defendido por Leibniz e Clarke. Finalmente, um personagem chamado Filo é um cético que argumenta tanto contra as provas *a posteriori* como contra as provas *a priori*. Para Filo, o argumento do desígnio baseia-se numa falsa analogia: não sabemos se a ordem na natureza foi o resultado do desígnio, uma vez que, diferentemente de nossa experiência com a criação de máquinas, não testemunhamos a formação do mundo. A vastidão do universo também enfraquece qualquer comparação com os artefatos humanos. Apesar de o universo ser ordenado aqui, ele pode ser caótico em outro lugar. De maneira similar, se um desígnio inteligente é exibido somente em uma pequena parte do universo, então não podemos dizer que ele é a força produtora de *todo* o universo. Filo também defende que o desígnio natural pode ser explicado pela natureza somente, na medida em que a matéria pode conter dentro de si um princípio de ordem. E mesmo se o desígnio do universo é de origem divina, não estamos justificados em con-

cluír que essa causa divina é um ser único, todo-poderoso ou benevolente. Em relação ao argumento causal, Filo argumenta que uma vez que admitimos uma explicação suficiente para cada fato particular na seqüência infinita de fatos, não faz sentido perguntar sobre a origem da *coleção* desses fatos. Ou seja, uma vez que explicamos adequadamente cada fato individual, isso constitui uma explicação suficiente de toda coleção.

- 9 Ou seja, o argumento do desígnio.
- 10 John Milton, *Paraíso perdido*, livro IV (p.205-357).
- 11 Em outras edições, o autor usa o termo idolatria.
- 12 Em outras edições, o autor usa os termos idolatria e politeísmo.
- 13 O restante do parágrafo foi acrescentado em uma nota em outras edições.
- 14 “Politeísmo ou idolatria” em outras edições.
- 15 Hamadríada: ninfa dos bosques que nascia e morria com a árvore de cuja guarda estava incumbida e da qual se julgava prisioneira.
- 16 Hume aparentemente admite aqui, provavelmente apenas como estratégia retórica e por razões de prudência, o argumento do desígnio que ele rejeita nos *Diálogos sobre a religião natural* e em outros textos.
- 17 Peça escrita por Plauto (Titus Maccius) (ca.254-184 a.C.), autor romano de comédias, na qual Júpiter funde duas noites para prolongar sua relação amorosa.
- 18 Alexandre, o Grande (III) (356-23 a.C.), rei da Macedônia entre 336-23. Filho de Felipe, foi educado por Aristóteles. Suas vitórias sobre os persas garantiram-lhe um império que ia até a Índia, incluindo o Egito.

- 19 Personificação da desordem anterior à criação do mundo. Dele nasceram a Noite, o Dia e o Éter.
- 20 Literalmente, dos “comedores de peixe”.
- 21 O principal argumento de Hume é que os deuses homéricos foram originalmente concebidos e por longo tempo considerados um produto do mundo natural, não autores dele.
- 22 Hume usa aqui os termos estóico e acadêmico de forma livre. Marco Aurélio foi de fato um estóico, mas Plutarco não foi nem estóico nem acadêmico. A escola estóica, fundada por Zenão de Cítio (332-262 a.C.), e em rivalidade com o epicurismo, dominou o período clássico entre os séculos III e II a.C. A doutrina estóica antiga foi desenvolvida e elaborada pelos discípulos e sucessores de Zenão, Cleantes (331-232 a.C.) e Crisipo (280-206 a.C.).
- 23 “Politeísmo e idolatria” em outras edições.
- 24 Este parágrafo aparece em uma nota em outras edições.
- 25 Nome fenício sob o qual o deus-sol era adorado.
- 26 Membros dos areópagos atenienses, ou seja, dos tribunais de justiça ou conselhos, célebres pela honestidade e retidão no juízo, que funcionavam a céu aberto no outeiro de Marte, antiga Atenas, desempenhando papel importante em política e assuntos religiosos.
- 27 Mãe-Terra.
- 28 Esta passagem foi originalmente redigida desta forma: “Assim a divindade, que os judeus incultos concebiam somente como o Deus de *Abraão*, de *Isaac* e de *Jacó*, tornou-se o *Jeová* e o Criador do mundo”. Em outras edições consta: “Assim, não obstante a sublime idéia sugerida por Moisés e pelos escritores inspirados, muitos judeus incultos parecem ainda ter concebi-

- do o ser supremo como uma mera divindade local ou protetora nacional”.
- 29 Em outras edições, este parágrafo aparece em nota à palavra “todo-poderoso”, do penúltimo parágrafo acima.
 - 30 Um dos nomes dados aos frades franceses pertencentes à ordem de Santo Domingo.
 - 31 *Cordeliers* no original, isto é, um dos nomes usados na França para denominar os frades franciscanos seguidores de regras austeras; assim chamados por causa da corda amarrada que usavam em torno da cintura.
 - 32 Esta passagem foi originalmente redigida assim: “Às vezes a rebaixavam ao nível das criaturas humanas, representando-a em luta corporal com um homem, andando na noite fria, mostrando suas costas, e descendo do céu para informar-se sobre o que se passa na terra”.
 - 33 Casta sacerdotal entre os antigos Medas (oriente do Irã), uma das principais fontes da religião Zoroastriana.
 - 34 Hume expressa sutilmente aqui uma opinião radical e arriscada, afirmando que o grande número de execuções de heréticos e a supressão da oposição por parte dos cristãos é muito pior que a prática das religiões que fazem publicamente eventuais sacrifícios humanos a seus deuses.
 - 35 Sobre as “virtudes monásticas” ver a *Investigação sobre os princípios da moral*, seção 9, parte I.
 - 36 Religiosos muçulmanos, pertencentes a uma ordem ascética ou mendicante.
 - 37 Seguidor da doutrina de Ário (250-336), padre cristão de Alexandria (Egito), segundo a qual Cristo era uma criatura de natureza intermediária entre a divindade e a humanidade; nega-

va-lhe o caráter divino e ainda desacreditava a Santíssima Trindade.

- 38 Seguidor do pelagianismo, doutrina do monge Pelágio (séc.V), heresiarca inglês, segundo a qual o homem era totalmente responsável por sua própria salvação; minimizava o papel da graça divina, negava o pecado original e a corrupção da natureza humana e, conseqüentemente, a necessidade do batismo.
- 39 Seguidor das teorias sobre a supremacia da autoridade civil em assuntos eclesiásticos, defendidas pelo médico suíço Thomas Lieber Erasto (1523-1584).
- 40 Os socinianos eram os seguidores do italiano Fausto Sozzini (1539-1604), latinizado "Socinus", e precursores dos unitarianos. Enfatizavam a unidade e a eternidade de Deus, mas duvidavam da eternidade e da divindade de Jesus, questionando assim a doutrina da Trindade.
- 41 Doutrina de Sabélio, heresiarca do séc.III, que negava o dogma da Santíssima Trindade e professava haver uma única substância ou pessoa em Deus, com nomes diversos, segundo os vários modos de se revelar.
- 42 Seguidor da doutrina herética do heresiarca bizantino Eutíquio (ca. 358-454), monge de Constantinopla que afirmava só haver em Jesus Cristo a natureza divina sob uma aparência humana. Sua doutrina, o *monofisismo*, foi condenada pelo Concílio da Calcedônia (451).
- 43 Seguidor ou sectário do nestorianismo, doutrina ligada a Nestório (380-451), monge de Antioquia, heresiarca que fazia a distinção entre as naturezas divina e humana de Cristo, o que, conseqüentemente, negava a maternidade divina de Maria.

- 44 Seguidor da doutrina religiosa do séc.VII que defendia a idéia de que Jesus Cristo possuía somente uma vontade divina.
- 45 Partidários da Reforma que protestaram contra a decisão da Dieta de Espira (1529) e que se separaram; portanto, descendem da Igreja católica romana.
- 46 Outras edições apresentam a seguinte referência: livro III, cap.38 [*História*, livro III, cap.29 e 38].
- 47 Nesta frase e no próximo parágrafo, Hume refere-se à doutrina católica romana da presença real por meio da qual o pão e o vinho usados na liturgia da missa transformam-se de algum modo no corpo e no sangue de “seu deus”.
- 48 Isto é, pertencente aos “mouros”, povo que se manteve na Península Ibérica subjugado aos cristãos.
- 49 “Augusto será considerado um deus em pessoa”, Horácio, *Odes*, livro III, ode 5.
- 50 *Absalom and Achitophel*, de John Dryden, foi originalmente escrita em novembro de 1681, sendo que uma segunda parte apareceu em 1682. No original:
- Of whatsoe'er descent their godhead be,
Stock, stone, or other homely pedigree,
In his defense his servants are as bold
As if he had bee born of beaten gold.*
- 51 “Cruzadas”: em outras edições.
- 52 Petrônio, *Satiricon*, parágrafo 17.
- 53 Varro, *Sobre a linguagem latina*, livro V, cap.10, parágrafos 57-74.
- 54 “Nesta época, os judeus iniciaram a guerra porque foram proibidos de mutilar suas partes genitais.”

- 55 Esse parágrafo é fundamental para o esclarecimento da posição de Hume sobre a crença em um deus. Ver a esse respeito: T. Penelhum, "Natural Belief and Religious Belief in Hume's Philosophy", *The Philosophical Quarterly*, 1983; e J. C. A. Gaskin, *Hume's Philosophy of Religion* (Londres, 1988), cap.7.
- 56 Urano ou Uráno, O Céu, filho de Géia ou da Noite, pai de saturno, dos Titãs, dos Ciclopes.
- 57 Cícero, *Sobre a natureza dos deuses*, livro III.
- 58 "Nas religiões mais populares" em outras edições.
- 59 A falsa representação que a "religião popular" impõe à moralidade é um tema recorrente em Hume. Dentre as principais acusações dele contra a religião estão: que ela cria "espécies frívolas de mérito"; que ela cria falsas espécies de crimes, como o suicídio, por exemplo; que ela implica louvar o Todo-Poderoso por sua aparente responsabilidade por atos que nos seres humanos seriam verdadeiros crimes.
- 60 Arminianos: seguidores do arminianismo, doutrina liberal do teólogo holandês Jacobus Arminius (1560-1609), que negava a doutrina calvinista da predestinação absoluta, afirmando serem compatíveis a soberania de Deus e o livre-arbítrio humano. Molinistas: seguidores da doutrina do jesuíta espanhol Luís de Molina (1535-1600), que visava conciliar o livre-arbítrio com a graça e a presciência divinas. Origenismo: doutrina religiosa apresentada no séc. III por Orígenes, teólogo de Alexandria, que mistura elementos da gnose, do platonismo e do cristianismo.
- 61 "Mais populares" em outras edições.
- 62 Toda essa seção é da maior importância para entendermos os argumentos e as opiniões de Hume sobre a relação entre a moralidade e a religião. Ver também *Diálogos sobre a religião natural*,

- parte XII; *Investigação sobre o entendimento humano*, seção XI; e a explicação da moralidade oferecida na *Investigação sobre os princípios da moral*, seções 1-5 e 9.
- 63 Livro judaico de preces e orações.
- 64 O *Pentateuco* é a coleção dos cinco primeiros livros do Velho Testamento atribuídos a Moisés: o *Gênesis*, o *Êxodo*, o *Levítico*, o *Números* e o *Deuteronômio*.
- 65 Habitantes de Locros, antiga cidade grega localizada na extremidade meridional da atual Itália.
- 66 O ramadã corresponde ao nono mês do ano muçulmano, considerado sagrado e durante o qual a lei de Maomé prescreve o jejum num período diário entre o alvorecer e o pôr do sol.
- 67 Lúcio Sérgio Catilina (morto em 62 a.C.), governador da província romana da África entre 67-66 a.C. Foi perseguido por corrupção, mas absolvido. Derrotado por Cícero nas eleições para cônsul em 63 e 62, conspirou num golpe revelado por Cícero em seus discursos no Senado. Foi morto pelo exército de Gaio Antonio.
- 68 *The draughts of life* no original.
- 69 Esse parágrafo conclusivo da *História natural da religião* parece confirmar a opinião que Hume expressa numa carta a Andrew Millar, de 3 de setembro de 1757, na qual ele diz: "Quanto às minhas opiniões, você sabe que não defendo nenhuma delas de modo positivo: eu somente proponho minhas dúvidas..."

Notas biográficas

Anaxágoras (ca.500-428 a.C.), filósofo pré-socrático, nascido em Clazômena. Viveu em Atenas na época de Péricles, que teria sido seu discípulo. Foi perseguido por sua impiedade.

Anaximandro (ca.610-547 a.C.), filósofo jônico, principal discípulo e sucessor de Tales, responsável por ousadas especulações físicas e cosmológicas. Propôs o *apeiron* (o ilimitado ou o indeterminado) como primeiro princípio.

Anaxímenes (ca.585-528 a.C.), sucessor de Anaximandro em Mileto, adotou o *ar* (*pneuma*) como *arquê*, uma vez que o ar é incorpóreo e se encontra em toda parte.

Aristófanes (ca.444-380 a.C.), comediógrafo ateniense, autor de peças como *As nuvens*, *As rãs*, dentre outras.

Aristóteles (384-323 a.C.), filósofo grego, nasceu em Estágira. Discípulo de Platão, preceptor de Alexandre, o Grande. Autor de obras como *Metafísica*, *Política*, *Ética a Nicômaco*, *Poética*, *Problemas* etc.

Arnóbio (séc.II d.C.), escritor latino, autor de uma obra importante por seus relatos dos costumes e ritos dos gregos e dos romanos.

Arriano (Fluvius Arrianus) (ca.90 a.C.-175 d.C.), oficial greco-romano, governador da Capadócia entre 131-37, discípulo de Epicteto e autor de *Expedição de Alexandre*.

Agostinho, Santo (Aurélio Agostinho) (354-430), nasceu em Tagaste na Numídia, província romana no norte da África, hoje localizada na Argélia. Faleceu em uma cidade próxima de Hipona, da qual era bispo. Autor de vários tratados teológicos, destacando-se *Sobre a doutrina cristã*, *Sobre a trindade*, *A cidade de Deus* (*De civitate Dei*). Suas *Confissões* revelam sua biografia e seu desenvolvimento filosófico e espiritual.

Averróis (1126-1198), importante filósofo árabe e principal comentador de Aristóteles no Ocidente. Foi principalmente por meio de sua obra que Aristóteles tornou-se conhecido no mundo cristão latino.

Bacon, Francis (1561-1626), filósofo e estadista inglês, um dos primeiros defensores do método experimental. Tornou a pesquisa independente do princípio da autoridade e do método dedutivo. Estabeleceu uma classificação metódica das ciências e, no *Novum Organum* (1620), uma teoria da indução.

Bayle, Pierre (1647-1706), filósofo e historiador francês, autor do famoso *Dicionário histórico e crítico* (*Dictionnaire historique et critique*), de 1696, uma inestimável fonte para o conhecimento dos argumentos céticos empregados no período moderno, tanto nas controvérsias teológicas quanto nas filosóficas.

Boulainvilliers, Henri, conde de (1658-1722), o mais destacado defensor em sua geração da *thèse nobiliaire*, segundo a qual a constituição francesa deveria ser mista.

- Brumoy, Pierre (1688-1742), escritor e filólogo francês nascido em Rouen, na Normandia. Sua obra *O teatro dos gregos (Le théâtre des Grecs)*, publicada em 1730, foi muito popular em sua época, porque introduziu os escritores gregos para o público em geral.
- Carnéades (219-129 a.C.), filósofo cético pertencente à Academia, considerado um dos primeiros proponentes do probabilismo, ou seja, da idéia de que, diante da impossibilidade da certeza, devemos adotar como critério o provável.
- Cassius, Dion (ca.155-235 d.C.), historiador grego do começo de Roma até 229 d.C., autor de *História romana*.
- César, Júlio (ca.102-44 a.C.), ditador, general, autor de *Guerra da Gália (De bello Gallico)*.
- Crisipo (ca.281-205 a.C.), terceiro e mais importante chefe da escola estóica (a *Stoa*) em Atenas; autor prolífico, suas obras não sobreviveram.
- Cícero, Marco Túlio (106-43 a.C.), filósofo, jurista e orador romano, discípulo da Academia, filósofo eclético, grande tradutor de textos gregos para o latim e criador de grande parte do vocabulário filosófico latino que chegou até nós. Autor de grande número de obras, como *Academica*, *Sobre a natureza dos deuses (De natura deorum)*, *Disputas tusculanas (Tusculanae disputationes)*, *Sobre a adivinhação (De divination)*, *Dos deveres (De officiis)*, *De finibus bonus et malorum*.
- Clarke, Samuel (1675-1729), filósofo inglês, autor do *Tratado da existência e dos atributos de Deus*, obra destinada a refutar as teorias de Hobbes e Espinosa.
- Diodoro de Sicília (Diodoro Siculus) (séc.I a.C.-séc.I d.C.), historiador grego da Sicília que, entre 60 e 30 a.C., escreveu uma história do mundo: *Biblioteca de história*.

- Diógenes Laércio (séc.II d.C.), autor da obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, uma das mais importantes obras antigas e conservadas a respeito da filosofia e dos filósofos gregos.
- Dionísio de Halicarnaso (séc.I a.C.), orador grego e historiador da queda de Roma em 264 d.C., autor de: *Antigüidades romanas*.
- Dryden, John (1631-1700), escritor inglês, representante do classicismo, produziu sátiras políticas (*Aureng-Zeb*), comédias (*Anfitrião*), tragédias (*Tudo por amor, ou o mundo bem perdido*), poemas líricos e estudos críticos (*Ensaio sobre a poesia dramática*).
- Epicteto (50-125), filósofo e moralista estoíco que ensinou em Roma; seus *Discursos* sobreviveram escritos em grego por Arriano. Autor do famoso *Enchiridion* (*Manual*).
- Epicuro (341-270 a.C.), fundador da escola epicurista em Atenas em 306, que, com o estoicismo, dominou amplamente o período posterior à filosofia clássica. Conhecido sobretudo por seu tratado *Da natureza*, em que retoma as teorias atomistas de Demócrito e Leucipo, defendendo que o universo consiste de espaço vazio infinito e de um número infinito de partículas físicas minúsculas eternamente existentes.
- Esparciano (Aelius Spartianus) (séc.IV d.C.), um dos escritores das histórias dos Césares.
- Estrabão (ca.63 a.C.-21 d.C.), geógrafo grego, autor de *Geografia*.
- Eurípedes (ca.480-406 a.C.), um dos três principais tragediógrafos gregos, ao lado de Ésquilo e de Sófocles. É o mais filosófico, realista e cético dos três. Autor de peças como *Alceste*, *Hécuba*, *Medéia*, *Ifigênia em Aulis* etc.
- Fontenelle, Bernard le Bovier de (1657-1757), literato francês. Defensor da ciência e da perspectiva naturalistas. Autor de *Diálogo dos mortos* (*Dialogue des morts*, 1683), *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos* (*Entretiens sur la pluralité des mondes*, 1686), *Digressão sobre os antigos e o modernos* (*Digression sur les anciens et les*

- modernes*, 1688), *Reflexões sobre a poética* (*Réflexions sur la poétique*, 1695). Foi secretário da Academia Francesa, eleito em 1691.
- Galeno (ca. 129-199 d.C.), médico grego muito influente cujas obras sobre anatomia foram superadas somente no século XIX.
- Germânico (Nero Claudius Germanicus) (15 a.C.-19 d.C.), filho adotivo de Tibério.
- Heráclito (ca. 500 a.C.), filósofo pré-socrático, nascido em Éfeso, conhecido por sua doutrina do mobilismo ou fluxo perpétuo das coisas, expressa no famoso fragmento: “Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque o rio não é mais o mesmo”.
- Herodiano (início do séc. III d.C.), historiador que escreveu em grego uma história de Roma: *História do Império na época de Marco Aurélio*, que começa a partir da morte de Marco Aurélio em 238 d.C.
- Heródoto (séc. V a.C.), viajante, cronista das guerras greco-persas entre 460-425 a.C. Autor de *História*, é considerado “o pai da história”.
- Hesíodo (séc. VIII a.C.), um dos primeiros poetas gregos cuja obra, *Os trabalhos e os dias*, apresenta uma descrição da vida cotidiana do país, e a *Teogonia*, oferece um relato da origem do mundo e uma genealogia dos deuses.
- Homero (séc. VIII a.C.), grande poeta épico da Grécia cujas obras, *Ilíada* e *Odisséia*, formam a base da literatura e dos costumes gregos.
- Horácio (Quintus Horatius Flacus) (65-8 a.C.), poeta e satirista romano, autor de *Odes*, *Sátiras*, *Ensaio* e da *Arte poética*, obras muito influentes na Europa moderna.
- Hyde, Thomas (1636-1703), autor de *História das religiões persas antigas* (*Historia religionis veterum Persarum*, 1700), um estudo

das religiões persas antigas altamente respeitado, contendo textos religiosos, comentários e discussões sobre as práticas religiosas. Hyde foi professor de Hebreu e de Árabe em Oxford, e, durante os reinados de Carlos II, James II e William III, ocupou a função de intérprete e secretário de governo para as línguas orientais.

Juvenal (Decimus Junius Juvenalis) (ca.60-136 d.C.), considerado o maior poeta satírico romano. Suas *Sátiras*, de teor estóico, influenciaram muito a literatura inglesa, especialmente autores como Pope, Swift e Johnson. Foi traduzido por Dryden.

Lívio (Titus Livius) (59 a.C.-17 d.C.), autor latino de uma imensa e importante história de Roma (*História de Roma*), da qual somente uma quarta parte sobreviveu.

Locke, John (1632-1704), filósofo inglês, autor de obras como *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), *Dois tratados sobre o governo* (1690), e de diversas *Cartas* sobre a tolerância.

Longino (Cassius Longinus) (ca.213-273), filósofo e retórico grego, nascido em Palmira, a quem se atribuía, no século XVIII, o tratado *Do sublime*, traduzido por Nicolas Boileau (1636-1711), escritor francês, autor de *Sátiras*, *Epístolas*, e da *Arte poética* (1674).

Luciano (ca.115 d.C.), autor grego de vários diálogos satíricos, dentre os quais *Diálogos dos mortos*, *Sobre os sacrifícios*, *Zeus catequizado*, *Falso amigo* (*Philopseudo*), *Hermótimo, ou sobre as seitas*, *Menipo ou a descida ao Hades*, *Necromancia* (*Necyomantia*).

Lucrecio (Titus Lucretius Carus) (ca.98-ca.50 a.C.), poeta e filósofo latino, autor do grande poema *Sobre a natureza das coisas* (*De rerum natura*), uma das principais fontes da doutrina epicurista.

Macróbio, Ambrósio (séc.IV e V), gramático latino, escritor eclético sobre literatura. Sua extensa obra *Saturnais* (*Saturnaliorum libri*) menciona, no livro III, o único escrito conhecido de Samônico Sereno: *Res Reconditæ*. Sereno morreu em 212.

Manílio (séc.I a.C.e séc.I d.C.), poeta e cosmólogo latino, autor de *Astronômica*.

Marco Aurélio Antonino (121-180 d.C.), imperador romano de 161 a 180 e filósofo estóico. Autor de *Meditações*.

Maquiavel, Niccolò di Bernardo dei (1469-1527), autor de *O príncipe*, um dos grandes clássicos da teoria política.

Milton, John (1608-1674), poeta inglês defensor das liberdades civis e religiosas. Autor de *Paraíso perdido* (1667), *Paraíso reencontrado* e *Samson agonistes* (1671).

Namaciano (séc.V d.C.), último grande poeta romano. Foi um anticristão.

Nero (37-68 d.C.), imperador de Roma entre 54 e 68.

Newton, Isaac (1642-1727), matemático, físico e teólogo inglês, autor de *Princípios matemáticos da filosofia natural*.

Ovídio (Publius Ovidius Naso) (43 a.C.- ca.17 d.C.), brilhante poeta romano, autor de *Arte de amar* (*Ars Amatoria*) e *Metamorfoses*.

Panécio (ca.185-109 d.C.), filósofo estóico que influenciou Cícero.

Père le Comte (1655-1729), jesuíta francês, autor de *Novas notícias sobre o estado atual da China* (*Nouveaux memoires sur l'état present de la Chine*), obra publicada em 1696 e condenada como demoníaca em 18 de outubro de 1700, pela Faculdade de Teologia ligada à Sorbonne.

Petrônio Arbiter, Gaius (séc.I d.C.), satirista latino, autor de *Satiricon*.

- Platão (ca.428-348 a.C.), filósofo ateniense, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles. Fundador da Academia. Autor de vários diálogos filosóficos, como *A República*, *Fédon*, *O Banquete*, *Mênon*, *Górgias*, *Teeteto*, *Parmênides*, *Eutífron* e outros.
- Plínio, o Velho (Caius Plinius Secundus) (24-79 d.C.), polímata romano e autor de *Historia naturalis* (*História natural*).
- Plínio, o Jovem (Caius Plinius Cæcilius Secundus) (ca.62 d.C.-ca.114 d.C.), sobrinho de Plínio, o Velho. Oficial e jurista romano, autor de *Cartas*.
- Plutarco (46-120 d.C.), administrador romano e autor prolífico de biografias e obras gerais sobre moral e outros temas. Autor de *Vidas paralelas*, *Opúsculos morais* (*Moralia*) etc.
- Políbio (ca.203-ca.120 a.C.), historiador grego, autor de uma história sobre Roma.
- Quintiliano (Marcus Fabius Quintilianus) (ca.37-100 d.C.), escritor e orador latino, nascido na Espanha, autor de *Institutio oratoria*.
- Quinto Cúrcio Rufo (Quintus Curtius Rufus) (séc.I), autor latino de uma história de Alexandre, o Grande: *Historia Alexandri Magni Macedonis* (*História de Alexandre, o Grande, da Macedônia*).
- Ramsay, Andrew Michael (1686-1743), escritor inglês que se converteu ao catolicismo romano em 1710, autor de *A New Cyropaedia; or The Travels of Cyrus* (1727).
- Salústio (Caius Sallustius Crispus) (86-ca.34 a.C.), historiador romano autor de vários estudos sobre a história de Roma, autor de *Guerras de Catilina* (*Bellum Catilinae*).
- Sêneca (Lucius Annæus Seneca) (ca.5 a.C.-65 d.C.), político romano dotado de grande habilidade, conselheiro de Nero e autor de tragédias e muitas cartas e ensaios comentando e aplicando o estoicismo.

- Sexto Empírico (séc.II d.C.), doxógrafo grego, compilador do ceticismo antigo, autor de *Hipotiposes pirrônicas*.
- Sócrates (469-399 a.C.), filósofo grego, conhecido através dos escritos de seu discípulo Platão, de Xenofonte e de outros.
- Suetônio (Caius Suetonius Tranquillus) (ca.69-ca.140), biógrafo romano mais conhecido por sua obra *Vidas dos Césares*, contendo as biografias dos imperadores romanos de Júlio César a Domiciano.
- Tácito (Publius Cornelius Tacitus) (ca.55-ca.117 d.C.), o mais brilhante, preciso, irônico e lido dos historiadores romanos. Autor de *Anais*, *História*, *Germânica etc.*
- Tales (de Mileto) (séc.VI a.C.), considerado o primeiro filósofo, um competente astrônomo e administrador.
- Tucídides (ca.457-ca.400 a.C.), historiador grego da guerra entre Esparta e Atenas, 431-404 a.C., famoso por sua clareza, estilo conciso, por sua consistência e imparcialidade. Autor de *História da guerra do Peloponeso*.
- Varro (116-27 a.C.), gramático e polímata latino.
- Xenofonte (ca.430-ca.369 a.C.), escritor ateniense discípulo de Sócrates, autor de diversas obras de grande interesse, incluindo relatos sobre a vida de Sócrates: *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates* (*Memorabilia*) e *Banquete*. Autor também da obra histórica *Anábase*, da obra sobre economia doméstica, *Oeconomicus*, e da biografia fictícia *Ciropedia*, sobre o rei Ciro da Pérsia.

Seleção bibliográfica

Obras de David Hume (*edições modernas*)

- A Letter from a Gentleman to his Friend in Edinburgh*. Eds. Ernest C. Mossner e John V. Price. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- An Enquiry Concerning Human Understanding*. Ed. Tom L. Beauchamp. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- An Enquiry Concerning the Principles of Morals*. Ed. Tom L. Beauchamp. Oxford/New York: Oxford University Press, 1998.
- Dialogues Concerning Natural Religion and The Natural History of Religion*. Ed. J. C. A. Gaskin. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- Dialogues Concerning Natural Religion*. Ed. Richard Popkin. 2.ed. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1998. (Esta edição inclui os ensaios "Of the Immortality of the Soul", "Of Suicide", "Of Miracles".)
- Essays Moral, Political and Literary*. Ed. Eugene F. Miller. Indianapolis: Liberty Fund, 1985.

- Four Dissertations*. London: Thoemes Press, 1995. Reimp. da ed. de 1757 editada por A. Millar. Introd. John Immerwahr.
- The History of England: from the Invasion of Julius Cæsar to the Revolution in 1688*. 6 v. Indianapolis, 1983.
- The Letters of David Hume*. Ed. J. Y. T. Greig. 2v. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- The Natural History of Religion and Dialogues Concerning Natural Religion*. Eds. A. Wayne Colver e John Valdimir Price. Oxford: Clarendon Press, 1976. / Ed. James Fieser. New York: MacMillan, 1992.

Obras de David Hume

(traduzidas para o português)

- Tratado da natureza humana*. Trad. Déborah Danowski. São Paulo: Imprensa Oficial / Editora UNESP, 2001. / Trad. Serafin da Silva Fontes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- Investigação sobre o entendimento humano*. Trad. Leonel Vallandro. Col. "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 1973. / Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 1998. / Trad. João Paulo Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.
- Diálogos sobre a religião natural*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Uma investigação sobre os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. / Trad. João Paulo Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.

Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral.

Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Ensaio morais, políticos e literários (seleção). Trad. João Paulo Go-

mes Monteiro e Armando Mora de Oliveira. Col. "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 1973. / Trad. Sara Albieri e J. P. Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2002 / Trad. Luciano Trigo. Edição, prefácio e notas Eugene F. Miller. Apresentação Renato Lessa. Rio de Janeiro: Top Books, 2004.

Escritos sobre economia. Trad. Sara Albieri. Col. "Os Economistas".

São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Ensaio políticos. Trad. Pedro Pimenta. Org. Knud Haakonssen.

São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Livros e artigos sobre a filosofia da religião de Hume (*em inglês*)

CABRERA, M. A. Badia. Hume's Natural History of Religion:

Positive Science or Metaphysical Vision of Religion? In: TWEYMAN, Stanley. *David Hume: Critical Assessments*. v.5. London: Routledge, 1995.

CAPALDI, Nicholas. Hume's Philosophy of Religion: God

without Ethics. *International Journal for the Philosophy of Religion*, 1976.

DENDLE, Peter. Hume's Dialogues and Paradise Lost. *Journal*

of the History of Ideas, v.60, n.2, 1999.

FERREIRA, M. Jamie. Hume's Natural History: Religion and

Explanation. *Journal of the History Philosophy*, v.33, n.1, 1995.

FLEW, Anthony. *Hume's Philosophy of Belief*. London: Routled-

ge/Kegan Paul, 1961.

- FOGELIN, Robert J. What Hume Actually Said About Miracles. *Hume Studies*, v.16, n.1, 1990.
- FOSTER, S. P. Different Religious and the Difference They Make: Hume on the Political Effects of Religious Ideology. In: TWEYMAN, Stanley. *David Hume: Critical Assessments*. v.5. London: Routledge, 1995.
- GASKIN, J. C. A. God, Hume and Natural Belief. *Philosophy*, n.49, 1974.
- _____. Hume's Critique of Religion. *Journal of the History of Philosophy*, v.14, n.3, 1976.
- _____. *Hume's Philosophy of Religion*. London: Macmillan, 1978.
- _____. Hume on Religion. In: NORTON, David Fate (Org.). *The Cambridge Companion to Hume*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KEMP SMITH, N. *The Philosophy of David Hume: A Critical Study of Its Origins and Central Doctrines*. Londres: Macmillan, 1941.
- NATHAN, G. J. The Existence and Nature of God in Hume's Theism. In: TWEYMAN, Stanley. *David Hume: Critical Assessments*. v.5. London: Routledge, 1995.
- NOXON, James. Hume's Agnosticism. *Philosophical Review*, n.73, p.248-61, 1964.
- _____. *Hume's Philosophical Development*. Oxford: Oxford University Press, 1973.
- _____. In Defense of "Hume's Agnosticism". *Journal of the History of Philosophy*, v.4, n.4, 1976.
- _____. Hume's Concern with Religion. In: TWEYMAN, Stanley. *David Hume: Critical Assessments*. v.5. London: Routledge, 1995.
- PASSMORE, J. A. *Hume's Intentions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1952.

- TWEYMAN, Stanley. *Scepticism and Belief in Hume's Dialogues concerning Natural Religion*. Dordrecht: Kluwer, 1986.
- TWEYMAN, Stanley. *David Hume: Critical Assessments*. v.5. London: Routledge, 1995.
- WEBB, Mark. The Argument of "The Natural History". *Hume Studies*, v.17, n.2, 1991.
- WILLIAMS, Bernard. Hume on Religion. In: PEARS, D. (Org.). *David Hume: A Symposium*. Macmillan: London, 1963. (Nova York: Fordhan University Press, 1976.)

Livros e artigos sobre a filosofia de Hume (*em português*)

- ALBIERI, Sara. Indução e método na filosofia de David Hume. *Manuscrito*, v.20, n.2, 1997.
- ARAUJO, Cícero. Hume e o Direito Natural. In: QUIRINO, Célia Galvão (Org.). *Clássicos do Pensamento Político*. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *A teoria humeana das virtudes e o contexto jusnaturalista*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).
- CHAVES, Eduardo. Milagres, a história e a ciência: uma análise do argumento de Hume. *Manuscrito*, v.1, n.2, 1978.
- DANOWSKI, Débora. David Hume e a questão dos milagres. *Manuscrito*, v.18, n.1, 1995.
- GUIMARÃES, Lúvia. Hume entre o Academicismo e o Pirronismo. *Kriterion*, v.35, n.93, 1996.
- KLAUDAT, André. As idéias abstratas, a particularidade das percepções e a natureza do projeto filosófico em Hume. *Manuscrito*, v.20, n.2, 1997.

- KUNTZ, Rolf. O empirismo na economia de Hume. *Manuscrito*, v.1, n.2, 1978.
- MARQUES, José Oscar de Almeida. A crítica de Hume ao argumento do desígnio. *Dois pontos*, v.1, n.2, 2005.
- MONTEIRO, J. P. Tendência e realidade em Hume e Freud. *Discurso*, n.3, 1972.
- _____. *Teoria, retórica, ideologia*. São Paulo: Ática, 1975.
- _____. *Natureza, conhecimento e moral na filosofia de Hume*. São Paulo, 1975. Tese (Livre-Docência – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).
- _____. Indução e hipótese na filosofia de Hume. *Manuscrito*, v.1, n.2, 1978.
- _____. Hume e a gravidade newtoniana. *Ciência e Filosofia*, v.1, n.1, 1979.
- _____. Filosofia e censura no século XVIII: o caso Hume. *Discurso*, n.2, 1979.
- _____. Kant leitor de Hume, bastardo da imaginação. *Discurso*, n.14, 1983.
- _____. *Hume e a epistemologia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- _____. Indução, acaso e racionalidade. *Manuscrito*, v.17, n.1, 1994
- _____. Associação e crença causal em David Hume. *Manuscrito*, v.23, n.1, 2000.
- _____. *Novos estudos humeanos*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
- MOURA, Carlos, A. Crítica humeana da razão. *Manuscrito*, v.20, n.2, 1997.
- QUINTON, Anthony. *Hume*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- SMITH, Plínio Junqueira. O ceticismo naturalista de David Hume. *Manuscrito*, v.13, n.1, 1990.
- _____. *O ceticismo de Hume*. São Paulo: Loyola, 1995.

Índice onomástico

- Abraão 63, 132
Absalão e Achitophel 95
Adão 25, 112
areopagitas 57
Agostinho, santo 96, 140
Agripa 51
alcorão 86
Alexandre 47, 56, 78, 82, 104,
131, 139, 140, 146
Amasis 77
Anaxágoras 50, 139
Anaximandro 50, 139
Anaxímenes 50, 139
Anfípolis 82
Anfitrião 46, 142
Antônio, santo 82
Apolo 56, 97
Areopagus 57
ariano 87, 105
Arriano 78, 82, 140, 142
Arícia 80
Aristófanes 46, 139
Aristóteles 32, 131, 139, 140,
146
arminianos 113, 136
Arnóbio 46, 56, 140
Augusto 47, 78, 79, 94, 97,
98, 101, 135
Averróis 90, 140
Baco 27, 82, 111
Bacon, Francis 60, 140
Bayle, Pierre 83, 140
Belarmino 83
Benedito, são 82
Bomilcar 119
Boulainvilliers, Henri de 63, 140
Brachmans 117
Brasidas 82, 83
Brumoy Pierre 46, 141

- Calígula, Caio 47, 80
Cambises 89
Caos 48
Carnéades 106, 141
Cartago 119
Cassius, Dion 141
Catilina 105, 120, 137, 146
Centrites, rio 104
Ceres 31
César, Caio 78
César, Júlio 45, 105, 141, 147
Chirosphus 104
Cícero, Marco Túlio 94, 97,
102, 105, 120, 128, 136,
137, 141, 145
Ciro 104, 147
Clarke, Samuel 105, 130, 141
Cláudio Rutilio 96
Cleandro 104
Coriolano 36
Cotta 106
Crisipo 132, 141
Cupido 54
Cúrcio, Rufus Quinto 47, 56,
146

Delfos 77, 104
dervixes 82, 90
Diana 80, 109
Diodoro de Sicília 40, 45, 47,
48, 49, 93, 116, 119, 141
Diógenes Laércio 57, 142
Diomedes 45
Dione 45
Dionísio de Halicarnaso 38,
51, 142

Domingos, são 82
Dryden, John 95, 135, 142,
144
duendes 43,44

Égina 116
Epicteto 102, 140, 142
epicurista 55, 142, 144
Epicuro 50, 51, 142
Epimeteu 54
erastiano 87
Esculápio 54, 97
Esparciano, Aelio 96, 142
Estrabão 40, 41, 80, 142
Euclides 104
Eurípedes 39, 142
Europa (deusa) 63
eutiQUIANO 87

fadas 43, 44, 52
Fídias 57
Fontenelle, Bernard de 46, 142
franciscanos 63, 92, 133
Francisco, são 82

Galeno 143
Germânico 47, 143
getes 40, 69
gnomos 43
Graças 55

hamadríadas 36, 53
Hécuba 39, 142
Heitor 82
Heliogábalos 56
Heráclito 50, 143

- Hércules 27, 47, 82, 104
Herodiano 56, 143
Heródoto 45, 47, 69, 77, 89,
109, 116, 143
Herta 58
Hesíodo 32, 47, 48, 50, 55,
64, 111, 143
Higia 54
Homero 45, 47, 54, 55, 64,
111, 143
Horácio 94, 135, 143
Hyde, Thomas 68, 78, 143,
144
Isaac 63, 132
Ísis 77
- Jacó 63, 132
jacobinos 63, 64
Jeová 63, 128, 132
Jerusalém 79
judeus 63, 73, 78, 79, 92, 93,
112, 132, 135
Juno 31
Júpiter 46, 48, 49, 50, 56, 64,
100, 103, 124, 128, 131
Juvenal 105, 144
- Laocoonte 30
Lívio, Tito 102, 116
Locke, John 105, 144
locrenses 117
Longino 45, 144
Luciano 45, 47, 101, 109,
111, 144, 151
Lucina 31
Lucrécio, Tito 55, 105, 144
- Macróbio, Ambrósio 76, 145
magos 68, 78
Manílio 45, 145
Maomé 112, 137
maometanos 68, 73
Maquiavel, Nicolau 12, 82, 145
Marco Aurélio 52, 102, 132,
143, 145
Marte 31, 55, 58, 100, 132
Mercúrio 31, 58
Milton, John 25, 97, 131, 145
Minerva 57
molinistas 113, 136
monotelita 87
moscovitas 63, 90, 117
musas 54
Mustafá 90
- Namaciano 96, 145
Nero 112, 143, 145, 146
nestoriano 87
Netuno 31, 47, 48, 49, 50,
58, 101
Newton, Isaac 11, 12, 105, 145
Nicolau, são 63
ninfas 53, 106
- Oceano 64
origenismo 114, 136
Osíris 77
Ótimo Máximo 63
Ovídio, Públio 45, 48, 114, 145
- Pã 100, 135
Pandora 48
Panécio 102, 145

- pelagiano 87
Pentateuco 115, 137
Père le Comte 44, 145
persas 56, 68, 78, 131, 143,
144
Petrônio 95, 135, 145
Platão 50, 103, 105, 139,
146, 147
Plínio, o Jovem 51, 146
Plínio, o Velho 146
Plutarco 52, 55, 77, 83, 109,
132, 146
Políbio 146
Pompeu 97
Prometeu 48, 54
protestantes 87

Quintiliano 101, 146

Ramadã 117, 137
Ramsay, Andrew Michel 111,
113, 146
Regnard, Jean-François 44
Roma 46, 76, 79, 80, 92, 94,
97, 102, 116, 141, 142,
143, 144, 145, 146
Rômulo 82
Ruyter 92

sabeliano 87
Saddas 115
Saís 92
Salústio 105, 120, 146
Sardenha 93
Saturno 48, 63, 103, 136
saxões 58

Sêneca 47, 105, 146
Sexto Empírico 50, 106, 128,
147
sociniano 87, 105, 134
Sócrates 46, 50, 77, 103, 104,
105, 109, 146, 147
Stílpon 57
Suetônio 47, 79, 80, 92, 93,
98, 147

Tácito 58, 92, 93, 101, 147
Talapoins 117
Tales 50, 139, 147
Terência 97
Teseu 27, 82
Tétis 64
Tibério 92, 93, 143
Timóteo 109
tírios 47, 79
Tucídides 82, 147

Urano 103, 136

Varro 96, 135, 147
Vênus 45, 54, 55, 58, 100
Verrius Flaccus (Valério
Flaco) 75
Vesúvio 51
Virgem Maria 63

Xenofonte 46, 77, 103, 104,
105, 109, 147

Zaleucus 116
Zamolxis 69
Zoroastro 78

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23 x 44 paicas

Tipologia: Venetian 301 12,5/16

Papel: Pólen Soft 80 g/m² (miolo)

Cartão Supremo 250 g/m² (capa)

1ª edição: 2005

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação-Geral

Sidnei Simonelli

Produção Gráfica

Anderson Nobara

Edição de Texto

Alexandra Fonseca (Preparação de Original)

Mônica Elaine G. S. da Costa (Revisão)

Edição Eletrônica

Lourdes Guacira da Silva Simonelli (Supervisão)

Luís Carlos Gomes (Diagramação)

História natural da religião é uma profunda reflexão sobre os princípios que dão origem à crença original e como o contexto histórico, cultural e social influencia e é influenciado pelas disposições morais e filosóficas do ser humano. O percurso de Hume leva ao entendimento de que “o bem e o mal se misturam e se confundem universalmente, assim como a felicidade e a miséria, a sabedoria e a loucura, a virtude e o vício”. Por esse ângulo, a religião estaria associada a princípios sublimes, ao mesmo tempo que dá ensejo a práticas as mais vis. Uma conclusão audaz para a sua época e dramaticamente corroborada pelo cenário contemporâneo.

Editora
UNESP

ISBN 85-7139-604-3



9 788571 396043